

A Comunicação Organizacional: Perspectiva Ecológica na Amazônia¹

Márcio Raphael Vieira da Silva²
Maria Emília de Oliveira Pereira Abbud³
Universidade Federal do Amazonas (Ufam), Manaus, AM

Resumo

A proposta deste trabalho é apresentar pressupostos epistemológicos da comunicação organizacional, destacando paradigmas norteadores dos estudos e pesquisas que buscam compreender a comunicação aplicada ao contexto das organizações. Pretende-se identificar as contribuições teóricas, assinalando alguns contrastes, as quais foram utilizadas como referenciais para a produção acadêmica desenvolvida na área organizacional. Identificou-se que a comunicação no âmbito das organizações resultou, inicialmente, de estudos da ciência da administração e da teoria da comunicação. Propõem-se incluir a perspectiva dos ecossistemas comunicacionais, a partir de uma reflexão da e para a Amazônia, como ponto de partida para atuais e futuras abordagens científicas na área em questão.

Palavras-chave: comunicação organizacional; epistemologia; ecossistemas comunicacionais; Amazônia.

Introdução

Pesquisar a comunicação organizacional significa, de acordo com pesquisadores da área, tais como Lima e Bastos (2012), fazer um recorte dentro do vasto campo da ciência da comunicação social em sua intersecção com o campo da administração. Essa interface entre comunicação e administração confere um papel determinante da comunicação quanto ao funcionamento, desenvolvimento e sobrevivência de uma organização.

A partir dessa perspectiva, é possível enfatizar que a comunicação organizacional é um campo de pesquisa resultante da evolução tanto dos estudos teóricos e empíricos em comunicação, como das produções acadêmicas em ciência da administração. Iremos,

¹ Trabalho apresentado ao grupo DT-3 Relações Públicas e Comunicação Organizacional do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 22 a 24 de maio de 2018.

² Aluno mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCCOM) da Universidade Federal do Amazonas (Ufam) E-mail: jornalistamarciovieira@gmail.com

³ Professora Adjunta do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Amazonas, vice-coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa da Ufam, Membro do Comitê de Ciências Sociais Aplicadas (PIBIC - Ufam), Líder do Grupo de Pesquisa Comunicação Social: Estudos Interdisciplinares. Coordenadora do Laboratório de Pesquisas Interdisciplinares em Comunicação (Labicom) Email: emiliaabbud@hotmail.com

portanto, falar de uma comunicação pertencente ao domínio do universo organizacional.

No Brasil, como área de interesse, a comunicação organizacional ganhou espaço e exigiu cada vez mais teorias, e conseqüentemente métodos, que dessem conta de uma maior compreensão, na medida em que o mercado foi se tornando cada vez mais dinâmico e veloz, associado ao crescimento exponencial das novas tecnologias da informação e ao processo da globalização.

Diante dessa constatação, é essencial resgatar uma trajetória científica, localizada principalmente no limiar do século passado, a partir da qual, inicialmente através da ciência da administração e, posteriormente da própria comunicação, se evidenciou fundamentos epistemológicos para as incursões científicas da comunicação organizacional. Compreende-se que as primeiras teorias da comunicação buscaram descrever o funcionamento da comunicação e seus elementos. Fortemente influenciadas pela visão cartesiana do fazer científico, as primeiras teorias buscaram capturar o ato comunicativo, descrevendo-o em um processo polarizado entre emissor e receptor e seus componentes e elementos intermediários.

Embora se reconheça toda a riqueza e contribuição desses estudos para os avanços científicos da comunicação organizacional, é oportuno destacar o registro de Monteiro e Colferai (2011) para os quais os estudos de comunicação no continente sul americano ainda necessitam de referenciais desenvolvidos a partir da própria região, tendo a realidade local como ponto de partida, bem como do entendimento da comunicação como ecossistemas nos quais suas partes componentes coexistem em uma relação complexa e de interdependência.

A crítica aos paradigmas apresentados por Monteiro e Colferai (2011) reforçam o caráter desafiador de pensar a comunicação na região. A primeira delas tem a ver com a necessidade de colocar os sistemas de comunicação a serviço da integralização dos povos que aqui habitam; a segunda, a própria complexidade do meio ambiente latino americano que abriga uma infinidade de culturas, hábitos e práticas sociais, tornando quase impossível a assunção de um paradigma único capaz de dar conta do pensamento comunicacional.

Pensar a comunicação na região leva à necessidade de colocar na equação as tecnologias da comunicação necessárias para superar as distâncias e, ao mesmo tempo, apreender as diferenças culturais e as diferentes práticas cotidianas assumidas pelas populações para viver em ambientes diferentes. (MONTEIRO E COLFERAI, 2011, pág. 39)

É pertinente apresentar o pensamento de Monteiro e Colferai (2011) neste momento da apresentação, porque será proposto pensar a comunicação a partir dos ecossistemas comunicacionais, área de concentração do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCCOM) da Universidade Federal do Amazonas (Ufam).

Com relação aos estudos voltados para a administração, deve-se destacar que tais produções foram marcadamente caracterizadas por abordagem que focalizavam a busca da eficiência e do resultado. Em sua tese de doutorado, Wilson (2007) apresenta uma ciência do *management* ou, ciência da gestão, para caracterizar os primeiros estudos localizados no início do século XX.

Com a mesma perspectiva, Arras-Vota (2010) situa o pensamento científico sobre a administração como uma tarefa focada em buscar um melhor desempenho da organização no mercado. Uma ciência vinculada às necessidades crescentes de desenvolvimento da organização perante os desafios externos de sobrevivência e competitividade.

La sistematización del conocimiento administrativo se inició a principios del presente siglo, en 1911 para ser más específicos, cuando Frederick Winslow Taylor (a quien se considera padre de la administración científica por su obra Principios de la Administración Científica) estableció procedimientos para lograr mayor eficiencia en el trabajo al aplicar el método científico en el taller de producción (ARRAS-VOTA, 2010, 151).

Essa perspectiva utilitarista da ciência em administração vai ser percebida nas abordagens da comunicação nas organizações, como um norteador. Ou seja, as produções científicas da comunicação serão marcadamente referenciadas pela reflexão mecanicista da administração no sentido da contribuição comunicacional para eficiência direta e indireta da organização.

Como forma de sedimentar o pensamento comunicacional no contexto das organizações, serão colocados em perspectiva uma breve discussão sobre o objeto da comunicação e sobre conceito de organização.

Objeto da comunicação e conceito de organização

Resultado de uma tradição cartesiana de conceber a ciência como consequência de um método linear e sequenciado, pensar o objeto da comunicação constitui uma tarefa importante para pesquisas nesse campo. Para as ciências da natureza, os objetos de pesquisa se apresentam de forma objetiva, palpável. De acordo com França (2001), foram

autores como “Paul Lazarsfeld, Harold Lasswell, Kurt Lewin e Carl Hovland” (FRANÇA, 2001, pág 53) que inicialmente estudaram a comunicação por uma perspectiva que a caracteriza como um processo por meio do qual figuram a transmissão de mensagens a partir de um emissor para um receptor, utilizando determinado meio. Por décadas, essa perspectiva mecanicista da comunicação norteou pesquisas não só no continente norte-americano, mas serviu de modelo teórico e metodológico para estudos da comunicação em outras regiões do planeta. De outra forma, é importante frisar que essa teoria clássica da comunicação passou por reformulações, resultando, por exemplo, em perspectivas epistemológicas a partir da semiótica, abordagem cultural, teorias de sistemas e complexidade.

Essas novas perspectivas buscaram superar o conceito padrão de processo e passaram a tratar a comunicação ora como fenômeno social transdisciplinar, ora como sistema composto de partes que se inter-relacionam. Assim, tornaram-se fundamentais a Teoria Crítica, Os Estudos Culturais, a Escola de Frankfurt, a Teoria de Sistema, abordagens latinoamericanas e, mais recentemente, a emergência de estudo de redes e o desenvolvimento da Teoria da Complexidade que aqui podemos representá-la por meio de Morin (2008).

Ao citar Luiz C. Matino (2003) para discutir epistemologias e como a comunicação se insere nessa discussão, Lima e Bastos (2012) ressaltam que a concepção de um objeto científico só é possível a partir de um sujeito que lança um olhar para determinado recorte científico. Assim, a construção do objeto é resultado, também, da construção do sujeito, como se, na comunicação, o objeto fosse a própria extensão do sujeito. Dessa forma, Lima e Bastos (2012) esclarecem que os objetos da comunicação resultam de construções conceituais não tangíveis, não palpáveis.

Parece conclusivo dizer, portanto, que o objeto da comunicação é algo em movimento, um olhar em trânsito, em relação com o contexto em que está inserido e com o sujeito. Essa perspectiva por si só rompe com a ideia de uma comunicação mecanicista. Porém, Lima e Bastos (2012) enfatizam que esse olhar deve ser feito através de lentes (que são as teorias e os paradigmas criados para ler e compreender a comunicação). Tais lentes, dessa forma, nos garantem um referencial epistemológico para a construção do conhecimento e nos deixam em condições de, ao mesmo tempo, apresentar uma proposta de objeto e propor um método para compreendê-lo.

Tendo discutido, de forma simplificada, o objeto da comunicação, suscita-se o interesse de por em foco, igualmente com a mesma importância para compreensão da comunicação organizacional, uma perspectiva acerca do conceito de organização. Num primeiro momento, é natural pensar em organização tendo como referencial um empreendimento, uma organização regular, seja ela do primeiro, segundo ou terceiro setor. De forma conceitual, Capra (2002) assim caracteriza uma organização:

...instituições sociais criadas em vista de objetivos específicos, como os de ganhar dinheiro para os acionistas, administrar a distribuição do poder político, transmitir conhecimento ou disseminar uma fé religiosa. Ao mesmo tempo, as organizações são comunidades de pessoas que interagem umas com as outras para construir relacionamentos, ajudar-se mutuamente e tornar significativas as suas atividades cotidianas num plano pessoal. (CAPRA, 2002, pág 100).

O autor apresenta seu conceito, tendo como princípio elementar a organização como uma unidade social humana, devendo-se assemelhar ao funcionamento sistêmico de um organismo vivo, no qual os componentes não apenas se relacionam como se auto reproduzem numa trama de interdependência, tendo em vista um significado que concebe existência e autorreconhecimento do organismo.

A ênfase da proposta de reflexão de Capra (2002) é a de que precisamos mudar a forma de olhar a organização, não mais como uma engrenagem mecanizada dissociada do meio. O autor afirma: “Parece, pois, que a concepção e a compreensão das organizações humanas como sistemas vivos é um dos maiores desafios da nossa época” (CAPRA, 2002, pág 101).

Do ponto de vista da comunicação no contexto das organizações, podemos acrescentar à discussão, o conceito de organização a partir de Arras-Vota (2010) e Torquato (2004). Para a autora, a organização é vista como um sistema político e cultural complexo, no qual os componentes se relacionam a partir do compartilhamento de significados comuns, criando, dessa forma, uma estrutura distinta que se relaciona com o meio exterior.

Se puede decir que las organizaciones son sistemas de significados, sistemas culturales a través de los cuales se dota de sentido al mundo laboral y a las acciones del ser del hombre, en aquel, a través de la constitución de redes de significado que implican conectividad y convergência simbólica, por lo menos en una dimensión interpretativa. (ARRAS-VOTA, 2010, pág. 113).

Torquato (2004), na obra Tratado de Comunicação Organizacional e Política, apresenta uma visão das organizações alinhada com o papel político e de poder desses empreendimentos na sociedade, classificando-as como utilitárias, normativas e

coercitivas a partir da proposição do sociólogo italiano Amitai Etzioni. Trata-se, portanto, de três modalidades que determinam a forma de funcionamento da organização.

Para o presente estudo, cabe-nos frisar que estamos falando de organizações do tipo apresentada por Capra (2002) e Arras-vota (2010), mas sem esquecer a propositura de Torquato (2004), porque ao pensar em organizações, como já foi dito, é natural imaginar empreendimento dos três setores da economia, pois elas, hoje, bem mais do que antes, são atores fundamentais de atuação na sociedade. Para Torquato (2004) as organizações do tipo utilitarista se defrontam com duas grandes transformações que são a revolução na informação, ensejada por todos os mecanismos que tornam a comunicação cada vez mais veloz, dinâmica e compartilhada; e a revolução nos sistemas de vendas e distribuição, que permitem diversas formas e maneiras de aquisição de produtos através das tecnologias disponíveis.

Mais recentemente, Schwab (2016) escrevendo ao *World Economic Forum*, ao se referir ao que ele denominou a Quarta Revolução Industrial, alerta para as bases dessa nova revolução traduzidas na forma de forças de inovação e ruptura, duas variantes capazes de moldar o futuro das organizações. Uma dessas forças é a velocidade, que evolui num ritmo não linear e pode mudar completamente nossa noção perante nós mesmos e as coisas ao nosso redor; o autor também destaca as forças de amplitude e profundidade que, no campo da revolução digital, caracteriza-se pela combinação de várias tecnologias e saberes; e, por fim, o impacto sistêmico, ou seja, forças ou negócio capazes de transformar sistemas inteiros, países, empresas, sociedade.

Um exemplo das discussões apresentadas por Schwab (2016) pode ser obtido por meio de uma rápida busca na internet. Alguns cliques no Google evidenciam que há pelo menos dez anos as marcas de maior valor de mercado no mundo são de inovação e tecnologia, com estruturas reduzidas em comparação aos modelos tradicionais. Para se ter uma ideia, há mais de seis anos a Apple se mantém no topo do ranking da lista das marcas mais valiosas em preço de mercado do mundo, segundo dados do site da revista Forbes. Compõe a lista, marcas como Google, Facebook e mais recentemente a Amazon.com.

Abordagens epistemológicas da comunicação organizacional

O Dicionário de Filosofia, de Mora (2001), apresenta o conceito clássico de epistemologia, ou *teoria do conhecimento*, isto é, um campo de pensamento desenvolvido

na filosofia para designar uma postura de investigação voltada a definir origem, possibilidade e até valor de determinado conhecimento que se é produzido. Dessa forma, a epistemologia aplicada à comunicação organizacional corresponde à crítica teórica acerca do conhecimento produzido sobre a comunicação no contexto organizacional. A epistemologia, por esse viés, compara-se a uma auditoria do conhecimento, buscando identificar quais as características, as especificidades e a própria validação do conhecimento de modo a percebê-lo como função paradigmática de investigação e estudos do campo.

Recorrendo a Arras-Vota (2010) podemos focalizar os primeiros estudos de organizações como resultante dos enfoques epistemológicos das escolas científicas de administração. Cada escola projetou olhares, não exatamente distintos, mas frequentemente complementares, para a comunicação. Como origem, a autora apresenta a *Escuela de la administración científica*, iniciada em 1911 a partir da obra “Principios de la administración Científica”, de Frederick Winslow Taylor. Para esta escola, a comunicação organizacional é vista como um processo mecanicista de emissão de mensagem a partir de uma comunicação vertical descendente, isto é, a transmissão de ordens para o melhor funcionamento da empresa e, vertical ascendente, cujo propósito é a base comunicar, de forma ascendente, os resultados. Em seguida, Arras-Vota (2010) destaca como as escolas seguintes, *Escuela de Processos*, relações humanas, *cuantitativa* e *Escuela de Sistemas*, abordam a comunicação e como essa abordagem influencia na produção do conhecimento relacionado à comunicação organizacional. De forma resumida - a partir da escola de administração científica até a *Escuela de Processos* (tendo como intermediárias, respectivamente, a escola de relações humanas e *cuantitativa*) - podemos situar, como enfoques predominantes, desde 1911, até as primeiras décadas da segunda metade do século XX, a comunicação vista como parte linear e estrutural da organização. Mesmo a escola de relações humanas, que aplica um conceito mais abrangente de participação do sujeito no ambiente cultural das organizações, empresta um enfoque de tarefa à comunicação, de processo estruturado, destacando-a como fenômenos formal e informal constituinte do contexto comunicacional das organizações. Todavia, a escola de sistemas e posteriormente o enfoque da complexidade, ambos discutidos pela autora, iniciam a ruptura com a visão mecanicista linear e estrutural da comunicação, resultando em estudos que projetam a comunicação como a própria essência do funcionamento integral da organização, como um todo constituído de partes

que se relacionam e se interconectam por meio de redes não lineares. Nessa perspectiva, a comunicação organizacional deixa de ser vista como um departamento ou processo estruturado e passa a ser estudada, do ponto de vista das produções científicas que se seguem, como algo sistêmico e difuso no ambiente da organização. Referindo-se a *Escuela de Sistemas*, Arras-Vota (2010) afirma:

La comunicación es aquello que en el interior mantiene unidas sus partes y por medio de ella se relaciona hacia el exterior con el medio ambiente para recibir la información necesaria, la cual le permite saber los cambios o tendencias a las que se habrá de adaptar para permanecer. La comunicación es multidireccional. (ARRAS-VOTA, 2010, pág. 156).

Kunsch (2009) corroborando a tese de Arras-Vota (2010) reconhece a contribuição da ‘escola de relações humanas’ e da ‘escola teoria dos sistemas abertos’ para o pensamento em comunicação organizacional. Situa o nascimento desse campo por volta do final de primeira metade do século XX. A autora afirma: “A comunicação organizacional começou a despertar o interesse dos estudiosos, sobretudo os norte-americanos, a partir da segunda metade da década de 1940” (KUNSCH, 2009, pág 64).

Em seu artigo “Percurso Paradigmáticos e avanços epistemológicos nos estudos da comunicação organizacional”, Kunsch (2009) realiza uma retrospectiva do que já foi produzido em termos de conhecimento, destacando os enfoques evidenciados em cada modo de ver e conceber a comunicação organizacional. Ao mesmo tempo, a autora procura estabelecer uma trajetória das fases de iniciação, consolidação e sistematização das pesquisas para oferecer discussões que reproblematicem a comunicação organizacional a partir de paradigmas mais recentes, embora reconheça a predominância histórica da visão estrutural da comunicação. Kunsch (2009), porém, destaca as perspectivas contemporâneas que possibilitam novas críticas, elaborações e sínteses de pesquisas na comunicação organizacional.

Para os estudiosos, o modelo mecanicista é o que tem predominado na comunicação organizacional, sobretudo nas décadas de 1960 a 1980. Esse paradigma considera e avalia a comunicação a partir do prisma funcionalista e da eficácia organizacional, bem com parte da premissa de que o comportamento comunicacional pode ser observável e tangível, medido e padronizado. (KUNSCH, 2009, pág. 72).

Por outro lado, ressalta que a realidade da produção científica do campo na atualidade é bem diferente, não predominando um único paradigma epistemológico, e, portanto, metodológico, mas sim várias perspectivas que geram uma profusão de estudos nos

diversos campos, desde abordagens amplas até incursões mais específicas do ambiente organizacional.

Hoje, pode-se dizer que os estudos são mais abrangentes e contemplam muitos assuntos em uma perspectiva mais ampla, como análise de discurso, tomada de decisão, poder, aprendizagem organizacional, tecnologia, liderança, identidade organizacional, globalização e organização, entre outros (KUNSCH, 2009, pag. 75).

Entres essas novas perspectivas, podemos citar o paradigma sistêmico-comunicacional evidenciado nas discussões apresentadas por Curvello (2009). Para ele, a teoria dos sistemas sociais desenvolvida por Niklas Luhmann (1992; 1999; 2007; 1998; 1990) rompe definitivamente com a visão mecanicista e utilitarista da comunicação, abrindo inúmeras possibilidades de ampliação do conhecimento da comunicação organizacional. Uma das principais rupturas dessa abordagem diz respeito à percepção das partes e do todo. A Teoria dos Sistemas supera o reducionismo de que o todo é a soma das partes, mas que por outro lado o sistema é maior do que a soma das partes e atua em acoplamento com o entorno, criando uma trama de autocriação, de autofuncionamento, de *autopoiese*. Dessa forma, pode-se dizer que a organização, por meio da comunicação, faz a junção entre todos os elementos constituintes e entorno; a organização, *habitat* de comunicações em rede, funciona como um subsistema do meio ambiente em que está inserida, mas que dentro da qual coexistem diversos sistemas acoplados que garantem sentido e vida e à organização. Curvello (2009) justifica:

...ao adotarmos o conceito luhmanniano de organização como sistema autopoietico de comunicações e decisões, determinado estruturalmente em torno de sua identidade e que está em uma relação permanente de acoplamento estrutural com seu ambiente (interno e externo), também entendemos que a mudança é algo permanente. (CURVELLO, 2009, pág 98)

Curvello (2009) ao discorrer sobre a perspectiva sistêmico-comunicacional destaca que se trata de um paradigma fruto de inúmeras abordagens em campos científicos distintos, tais como a biologia, a cibernética, redes, entre outros. Compreende-se que a perspectiva apresentada por Curvello (2009) não apenas se distingue conceitual e metodologicamente da abordagem clássicas da comunicação, mas projeta a comunicação organizacional (originalmente vista como uma tarefa administrativa e departamental de suporte) como um elemento estratégico, inerente e imerso na totalidade do ambiente, proporcionando coesão e sentido à organização.

Não basta mais perceber os sistemas organizacionais como constituídos por partes (estrutura, departamentos, tecnologia, normas, regras, recursos humanos, financeiro, clientes, fornecedores, acionistas etc.), devendo-se vê-los como instâncias em acoplamento estrutural com o ambiente. (CURVELLO, 2009, pág. 94)

Conclui-se que a perspectiva sistêmico-comunicacional é bastante semelhante aos pressupostos teóricos do conceito, ainda em construção, dos ecossistemas comunicacionais, o qual passaremos a discutir a seguir, pois constitui o nosso olhar, a nossa ousadia em propor um referencial epistemológico para a comunicação organizacional a partir da Amazônia.

Comunicação Organizacional: um olhar a partir da perspectiva dos ecossistemas comunicacionais

A perspectiva dos ecossistemas comunicacionais é uma proposta epistemológica que procura compreender os fenômenos sociais como sistemas compostos de subsistemas que se inter-relacionam por meio de estrutura de redes complexas e comunicações que geram sentido e significado ao organismo social, permitindo o acoplamento estrutural do sistema ao meio ambiente. Nessa perspectiva, pessoas, tecnologias, estruturas e meio ambiente coexistem e se interconectam por meio de comunicações e relações complexas.

Embora a perspectiva sistêmico-comunicacional pareça em nada distinguir-se da visão dos ecossistemas comunicacionais, cumpre-nos a tarefa de assinalar ao menos dois principais itens que distinguem os dois paradigmas.

Primeiramente, os ecossistemas comunicacionais buscam aprofundar o conceito de ecologia das coisas e das pessoas, por meio de uma abordagem bastante similar ao conceito amplamente explorado pela biologia, ou seja, reconhece que, em comunicação, como numa relação ecológica de seres vivos, os elementos interagem para manter em funcionamento o organismo que o compõem, a partir de relações não lineares, não hierarquizadas, multidirecionadas, que conferem ao organismo seu caráter distinto, mas ao mesmo tempo conectado, também ecologicamente, ao ambiente ao qual pertence e sobre o qual exerce função.

Em segundo lugar, destacamos a indissociabilidade entre ecossistemas comunicacionais e sua referencialidade autóctone, a Amazônia. A trama ecológica da região amazônica, com toda sua diversidade e complexidade sistêmica, é a fonte inspiradora para conceber

os ecossistemas comunicacionais como uma proposta paradigmática para pesquisas e estudos. Assim, essa perspectiva é ao mesmo tempo uma proposta para e a partir da Amazônia. O olhar dos ecossistemas comunicacionais significa um olhar que é próprio da Amazônia, a qual pode, tempestivamente, representar a manifestação territorial e pragmática do pensamento sistêmico que vem florescendo ao longo das últimas décadas nos vários campos da ciência.

Como dito anteriormente, a perspectiva dos ecossistemas comunicacionais constitui a área de concentração do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCCOM) da Universidade Federal do Amazonas (Ufam). Essa proposta conceitual ainda se encontra em construção, sofrendo influências de inúmeras áreas do conhecimento, tais como ecologia, biologia, física quântica e demais estudos contemporâneos.

Acredita-se que essa perspectiva possa representar algo novo para a ciência produzida na e para a Amazônia de um modo geral, e para a comunicação em particular. Freitas e Pereira (2011) trazem importante reflexão sobre essa perspectiva.

Pelo seu caráter inovador, a construção da perspectiva ecossistêmica para os estudos da comunicação tem representado um enorme desafio epistemológico e metodológico, uma vez que requer uma compreensão científica que considere o mundo não a partir do isolamento e da fragmentação de suas partes, mas como uma unidade integrada a partir das relações de interdependência (FREITAS; PEREIRA, 2011, p.149)

A perspectiva dos ecossistemas comunicacionais ainda constitui uma busca científica para, se um dia for possível, se consolidar como referencial paradigmático de estudos em comunicação na Amazônia, no Brasil, ou, não parece demais ousar, na própria América Latina. É possível dizer que se trata de uma proposta de reflexão científica que aprofunda a concepção de sistema e amplia a compreensão sobre as organizações humanas, na medida em que estas são comparadas a sistemas e subsistemas de organismos vivos e toda sua complexidade advinda desse caráter.

Ao refletir acerca da perspectiva ecossistêmica comparada às demais perspectivas teóricas aqui apresentadas, sobretudo as desenvolvidas no limiar do século XX, pode-se assinalar uma nova forma de olhar para o contexto organizacional, suas estruturas e processos. As principais escolas da administração, conforme Arras-Vota (2010), abordavam as organizações como formações rígidas, cujas estruturas, ambiente, pessoas e tecnologias eram vistos como engrenagens hierarquizadas e lineares. Essa visão

mecanicista tinha por objetivo propor uma abordagem que priorizasse a eficiência organizativa, buscado os resultados e melhor desempenho organizacional. Agregaram-se, ou melhor, somaram-se, a essa perspectiva, as teorias da comunicação clássica, tais como as relacionadas a partir dos autores citados por França (2001). Toda a visão de uma comunicação por processos estruturais, lineares e em forma de fluxos de mensagem e informação entre emissor e receptor contribuíram para a eclosão de inúmeras pesquisas utilizadas ainda na atualidade. De outra forma, a perspectiva ecossistêmica se apresenta como uma alternativa epistemológica que busca ser capaz de nortear a produção de um conhecimento elaborado a partir de uma visão na qual estruturas rígidas, processos e linearidades dão lugar a formações organizacionais autopoéticas, criadas e desenvolvidas a partir de relações em redes complexas e comunicações multidirecionadas que conferem vida e perenidade a determinado organismo social. Em uma proposta de aplicabilidade, a perspectiva dos ecossistemas comunicacionais buscam mostrar que uma organização - vista pelos estudos clássicos da administração e pela teoria da comunicação como um ambiente departamentalizado, com setores e subestruturas hierarquizadas - pode ser focalizada e pesquisada como um sistema complexo pelo qual toda sua rede de comunicações faz com que essa organização construa sua própria forma de ser e existir, tanto no contexto interno do sistema e subsistemas quanto no acoplamento da organização com o ambiente.

A perspectiva ecossistêmica poder ser um norte de conhecimento não apenas para a comunicação organizacional, mas, na condição de ser uma abordagem nascida na e para a Amazônia e pelo fato de transitar por inúmeras fronteiras científicas, pode se apresentar como paradigma epistemológico para outras áreas do conhecimento humano, tais como a geografia, a história, antropologia, ciências da saúde, biologia, engenharia, agronomia, entre outras. Na Amazônia, como fonte de inspiração, a perspectiva ecossistêmica é algo inerente à sua existência e sua natureza; porém, como um paradigma para estudos na e para a Amazônia, essa perspectiva se posiciona como mais uma oportunidade de se construir um conhecimento indissociado da transdisciplinaridade, como um convite à incerteza. Embora se referindo ao Pensamento Complexo (Morin, 2006, 2002, 2005) e aos Sistema Sociais (Luhmann, 1992, 1990, 1997, 1998, 2007), Curvello e Scroferneker (2008), em artigo publicado na edição de dezembro de 2008, na Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação (e-compós), os autores enfatizam a necessidade de uma abordagem para além da ciência cartesiana mecanicista:

Essa perspectiva nos impõe uma nova epistemologia da complexidade, que pode ser traduzida na formulação de construtivismo sistêmico-comunicacional, em que sistema, ambiente, complexidade, comunicação, diferença, observação, sentido, autopoiesis, paradoxo e redução da complexidade são conceitos-chave, e que efetivamente superam os clássicos paradigmas da simplicidade, ancorados nos preceitos de causalidade linear, regulação externa, homogeneidade, ordem e reducionismo” (CURVELLO; SCROFERNEKER, 2008, pág 5)

Por outro lado, podemos dizer que a perspectiva ecossistêmica, por seu próprio caráter e características, jamais se tornará um modelo epistemológico fechado e conclusivo. Apresenta-se como um modelo aberto, sujeito a críticas e contribuições dos mais variados campos científicos. Justamente por seu caráter aberto e em constante construção, os ecossistemas comunicacionais também não encerram modelos padrões metodológicos. O método, neste caso, é construído no fazer científico, pois nessa perspectiva seria improvável pensar uma única metodologia que desse conta de algo em movimento, algo em constante mudança. Por isso, um dos méritos já evidenciados nessa perspectiva é a possibilidade da transdisciplinaridade e assim, não apenas seus referenciais teóricos são importantes para construir uma epistemologia do campo, como referenciais teóricos de outras áreas do conhecimento são igualmente fundamentais. Se, predominantemente no século passado a epistemologia da comunicação organizacional foi resultado das ciências da comunicação e administração, hoje, podemos assegurar que a perspectiva ecossistêmica aplicada à comunicação organizacional será resultado de variados campos do saber, tanto das ciências naturais, exatas, sociais e cibernéticas. Será resultado, também, de uma reflexão a partir da região amazônica. E esse DNA – Ácido Desoxirribonucleico - multi referenciado teoricamente deverá exercer influência no aprimoramento e construção do conhecimento contemporâneo da comunicação organizacional. Monteiro e Colferai (2011) assim definem a oportunidade de uso dos ecossistemas comunicacionais.

Neste cenário, qualquer abordagem da Amazônia deve assumir a indissociabilidade entre a natureza e o homem, seja ela uma relação de integração ou de intervenção, pois se trata de aspecto fundamental para entendê-la. Para tal, acreditamos que as modernas teorias da

complexidade e ecossistêmicas, que envolvem os mais diferentes campos do conhecimento, devem ser consideradas e tomadas como ponto de partida para a pesquisa em comunicação na Amazônia. (MONTEIRO de COLFERAI, 2011, pág. 34)

Considerações

O objetivo deste trabalho foi apresentar perspectivas epistemológicas que foram (a visão mecanicista da comunicação), ainda são (as teorias contemporâneas e emergentes, tais como a sistêmico-comunicacional), e que podem (acreditamos na viabilidade paradigmática dos ecossistemas comunicacionais) ser fundamentais para a compreensão da comunicação no contexto organizacional da atualidade. Temos certeza que outros paradigmas poderiam ser mencionados, e conseqüentemente, apresentados, porém, buscou-se relacionar as abordagens epistemológicas a partir de uma sequência que permitisse compreender a evolução do campo, tanto ao longo do tempo quanto a partir de reformulações que contribuíssem para produzir um conhecimento contextualizado.

Como proposta, apresentamos a perspectiva dos ecossistemas comunicacionais. Não é objetivo deste artigo encerrar a discussão iniciada, prova disso é que este trabalho compõe uma das etapas da produção da dissertação de mestrado a ser submetida durante ano de 2018 no Programa de Pós Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCCOM) da Universidade Federal do Amazonas (Ufam). Pretendemos apresentar uma reflexão, certamente mais aprofundada da perspectiva dos ecossistemas comunicacionais, nosso universo de pesquisa, para a realização de um estudo de campo no Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Amazonas (Sebrae/AM).

REFERÊNCIAS

ARRAS-VOTA, Ana Maria de Guadalupe. *Comunicación Organizacional*. Colección Textos Universitários, Universidad Autónoma de Chihuahua, México, 2010, editora

CANAL TECH: Forbes lança lista das marcas mais valiosas do mundo e Apple fica em 1º lugar. Disponível em: <https://canaltech.com.br/mercado/forbes-lanca-lista-das-marcas-mais-valiosas-do-mundo-e-apple-fica-em-1o-lugar-65783/>.

CAPRA, Fritjof. *As Conexões Ocultas – ciência para uma vida sustentável*. São Paulo, 2002, Editora Cultrix.

CURVELLO, João José Azevedo. *A perspectiva sistêmico-comunicacional das organizações e sua importância para os estudos da comunicação organizacional*. In:

KUNSCH, Margarida M. Krohling (Org.). *Comunicação organizacional: histórico, fundamentos e processos*. São Paulo: Saraiva, 2009.

_____, Cleusa Maria Andrade Scroferneker. *A comunicação e as organizações como sistemas complexos: uma análise a partir das perspectivas de Niklas Luhmann e Edgar Morin*. In: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação / e-compos, Brasília, v11, n.3, set/dez, 2008.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa da. *A comunicação organizacional: um estudo epistemológico*. Tese de doutorado, 2007, 204f, Universidade Metodista de São Paulo.

FREITAS, Suzy Elaine da Costa; PEREIRA, Mirna Feitoza. *Paradigmas científicos para o estudo dos ecossistemas comunicacionais*. In: SEIXAS, Netília Silva dos Anjos; COSTA, Alda Cristina; COSTA, Luciana Miranda. *Comunicação: visualidades e diversidades na Amazônia*. Belém: FADESP, 2013.

HOHLFELDT, Luiz, 2001 - *Teorias da comunicação: Conceitos, escolas e tendências*; (organizadores) Antônio Hohlfeldt; Luiz C. Martino; Vera Veiga França. Petrópolis, RJ: Vozes 2001.

KUNSCH, M. M. K. *Percursos paradigmáticos e avanços epistemológicos nos estudos de comunicação organizacional* In: KUNSCH, M. M. K. (Org.). *Comunicação organizacional*. Vol. 1. Histórico, fundamentos e processos. São Paulo: Saraiva, 2009.

LIMA, Fábila Pereira; Fernanda de Oliveira Silva Bastos. Organizadores: Ivone de Lourdes Oliveira, Fábila Pereira Lima. *Propostas Conceituais para a comunicação no contexto organizacional*. 1ª Edição, São Caetano do Sul (SP): Difusão Editora; Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2012.

MORA, José Ferrater. *Dicionário de Filosofia*. Tradução Roberto Leal Ferreira, Álvaro Cabral, 4ª edição – São Paulo; Martins Fontes, 2001.

MONTEIRO, Gilson Vieira; COLFERAI, Sandro Adalberto. *Por uma pesquisa amazônica: provocações para novos olhares*. In: MALCHER, Maria Ataíde et al. (Orgs.). *Comunicação Mediatizada na e da Amazônia*. Belém: FADESP, v.2, 2011.

MORIN, EDGAR. *Introdução ao Pensamento Complexo*. Tradução do Francês: Eliane Lisboa. Porto Alegre / Sulina, 2006.

PEREIRA, Mirna Feitoza. *Ecossistemas Comunicacionais: uma proposição conceitual*. In: MALCHER, Maria Ataíde et al. (Orgs.). *Comunicação Mediatizada na e da Amazônia*. Belém: FADESP, v.2, 2011.

SCHWAB, klaus. *A quarta revolução industrial*. Tradução Daniel Moreira Miranda, São Paulo: Edipro, 2016.

TORQUATO, Gaudêncio. *Tratado de Comunicação Organizacional e Política*. São Paulo, 2004, Pioneira Thomsom Learnig.